



GEORGE TABORI CRIA VERSÃO MODERNA DE ÉDIPO REI

Peça de dança-teatro tem Marcia Haydée e Ismael Ivo nos papéis principais

GISELA PIMENTEL



Stuttgart – Teatro lotado, luzes da platéia ainda acesas, silêncio. O público alemão aguarda o início da peça de dança-teatro. No palco, duas bailarinas (a brasileira Cristina Perera e a italiana Chiara Tanesini) se aquecem como se ainda estivessem fora de cena. De repente, começa um burburinho na primeira fila: um homem chega atrasado e encontra seu lugar ocupado. Confere o ingresso e, certo de seus direitos, pede educadamente para se sentar na cadeira marcada. O outro sujeito se recusa a abrir mão do lugar, mas o dono do assento insiste e acaba recebendo uma resposta agressiva: „Cai fora daqui, estrangeiro ignorante! Negro imundo!“.

A discussão aumenta, os dois começam a gritar, as pessoas da platéia ficam tensas. Alguns ensaiam sair para chamar a administração do teatro, mas tudo acontece muito rápido e, em questão de segundos, os dois estão se atracando sobre o palco e um deles morre. Édipo (Ismael Ivo), sem saber de quem se tratava, acaba de matar seu pai, Laio (Jonas Fürstenau).

“É a melhor cena da peça”, diz George Tabori, responsável pela moderna versão de Édipo Rei, a tragédia grega escrita por Sófocles. O espetáculo estreou recentemente no Berliner Ensemble – teatro onde Bertolt Brecht e Helene Weigel criaram a mítica (e homônima) companhia teatral em 1949, em Berlim – e tem dois brasileiros como estrelas: o bailarino e coreógrafo Ismael Ivo e a dama da dança Marcia Haydée. A temporada alemã segue até o fim do ano. Depois, o espetáculo parte para turnê internacional. As datas de apresentação no Brasil ainda estão em aberto.

Tabori é considerado gênio da dramaturgia e um dos diretores teatrais mais badalados da Alemanha. Para a sua mais recente empreitada, o húngaro quase nonagenário buscou inspiração em um trecho da Odisseia, de Homero, quando Ulisses conta como foi quando esteve no inferno e viu Édipo, que estava lá por ter matado o próprio pai e desposado a mãe.

“Quando li o texto pela primeira vez, achei estranha a idéia de alguém querer casar com a própria mãe. Depois, concluí que quando criança eu realmente sentira ciúmes do meu pai e devia pensar: ‘O que é que você quer com ela? Talvez ela seja a sua esposa, mas é a minha mãe’” – narra o diretor, hoje convencido de que „todo mundo tem o mesmo problema“.

Édipo Rei é a terceira produção de Tabori com Ismael Ivo – as outras foram Moisés e Arão (1994) e O Michelangelo Nú (1998) – e seu primeiro trabalho com Marcia Haydée. A bailarina, que dirigiu por vinte anos o Stuttgarter Ballett e é considerada uma das maiores do século 20, está hoje com 64 anos e faz o papel de Jocasta – a mãe de Édipo que se suicida no final da peça quando descobre ter casado com o próprio filho.

“O primeiro ensaio com Tabori foi como um banho de água fria. Ele simplesmente me mandou cair dentro”, narra Marcia, que durante toda carreira artística teve personagens criados exclusivamente para ela pelos maiores coreógrafos do balé clássico, como Maurice Béjart e John Cranko. “Foi a primeira vez que trabalhei com improvisação e foi como uma grande descoberta. Experimentei um tipo de consciência nova e percebo que algo mudou em mim, me expandi”, conclui satisfeita.

Para Tabori, a versão do primeiro ensaio foi justamente a melhor. “Foi quando o diretor chegou e encenou a esfinge”, diz ele, cujo método de trabalho consiste em valorizar ao máximo o poder de criação do artista e intervir o menos possível no rumo da peça – condição perfeita para a parceria com Ismael Ivo. O bailarino está acostumado a improvisar e criou toda a sua parte logo no primeiro encontro.

Ismael Ivo e Marcia Haydée já trabalharam juntos em quatro outras produções: Tristão e Isolda (1999), Aura (2000), Floresta do Amazonas (2000) e Medéia (2001). O estilo expressionista do bailarino, considerado um dos ícones da dança-teatro e influenciado pela dança de origem africana, contrasta com a formação clássica de Marcia. A diferença etária entre os dois – Ismael poderia, de fato, ser

filho de Marcia – também contribuiu para comentários da crítica especializada de que os dois formam o elenco ideal para encenar os personagens Édipo e Jocasta. A peça foi notícia nos principais jornais da Alemanha.

Mas nem todos saíram satisfeitos do espetáculo de uma hora de duração. Os admiradores de Tabori sentiram falta da sua assinatura e vários jornalistas chegaram até a se perguntar: “Onde estava o diretor?”. Lamentaram a ausência de maior caráter político e filosófico, principal marca do teatrólogo, e queixaram-se de Marcia ter dançado pouco.

“Embora sempre tenha gostado de contar histórias usando movimentos e abrindo mão do uso de palavras, agora isso fica mais difícil para mim, pois a linguagem da dança é diferente da minha atual. Tento reduzir ao máximo, procuro expressar com pouco movimento o que eu antes fazia com muito, mas mantendo a mesma leveza. John Cranko já me dizia: ‘Marcia, vai chegar o dia em que você estará sobre o palco sem se mexer e todos vão te entender’”, recorda a bailarina.

Para Ismael Ivo, os 29 dias de preparação do espetáculo foram muito pouco, e ele fez questão de frisar que a equipe continua ensaiando diariamente.

Tabori está satisfeito: “O teatro é para quem faz, não para o espectador. O que é o público? Uma centena de pessoas diferentes: algumas aplaudem, outras vão e depois vão para casa. Mas alguma coisa fica, algo que não nos dizem. E isso está bem assim. Mas não faço teatro para o público, eu o faço com os atores”, conclui. ■

TÓPICOS INTERVIEW

O TEATRO NUNCA SE REPETE

Entrevista com um feiticeiro da arte dramática

GISELA PIMENTEL

George Tabori é considerado um dos maiores autores e diretores teatrais da segunda metade do século 20. Nascido em Budapeste, Hungria, em 1914, Tabori já foi jornalista, romancista, autor de roteiros em Hollywood, tradutor de Bertolt Brecht para o inglês, diretor de ópera, teatro e dança-teatro. Trabalhou em mais de 17 países, principalmente na Inglaterra, Estados Unidos, Balcãs, Oriente Médio, Hungria, Alemanha e Áustria. Dirigiu mais de 35 peças de sua autoria e encenou quase 50 de outros escritores – a maioria de William Shakespeare, Franz Kafka e Samuel Beckett. Suas peças mais conhecidas – Os Canibais (1969), A Coragem de Minha Mãe (1979), Jubileu (1983), Mein Kampf – Farsa (1987), Homem Branco e Cara Vermelha (1990) e As Variações de Goldberg (1991) – fazem parte do repertório clássico do Teatro internacional. Aos quase 90 anos e em plena atividade, Tabori dirige três peças por ano. Além de Édipo Rei, o diretor estreou há poucos meses Falecimento Precoce e A Casa Doente – todas no Berliner Ensemble, cuja direção artística está desde 1999 nas mãos de Claus Peymann.

Nesta entrevista exclusiva à revista Tópicos, Tabori fala sobre seu trabalho como diretor e relembra sua ida ao Brasil.

Tópicos: Como foi fazer Édipo Rei com Ismael Ivo e Márcia Haydée?

Tabori: Gostei de trabalhar com todos os atores da peça, principalmente com Ismael. Ele contribui muito para o meu processo de aprendizagem em dirigir dança-teatro.

Tópicos: O sr. se lembra de sua ida ao Brasil?

Tabori: Claro, foi há quase 50 anos, quando eu vivia nos Estados Unidos. Estive em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, onde apresentei três peças com um grupo do Actors Studio de Nova York. Uma delas foi Huis Clos, de Jean-Paul Sartre. No Rio, fui com meus filhos à praia de Copacabana. Eu poderia contar uma história?

Tópicos: Por favor...

Tabori: Quando estávamos na praia, o meu filho, ainda pequeno, ficou brincando com um menino pretinho. Ele gostou da gente e disse que queria ficar conosco. Poucos dias depois, quando íamos viajar para São Paulo, ele apareceu com uma malinha e pediu para ir junto. Levamos ele conosco de carro e ficamos lá por uns dias. Depois, ele queria continuar a viagem conosco. Expliquei que ainda passaríamos pelo México e, em seguida, voltaríamos para Los Angeles. Ele continuou insistindo, e nem assim o levamos. Nunca me esqueci disso, eu deveria tê-lo adotado.

Tópicos: O sr. é o mais idoso diretor teatral da Alemanha e continua em plena atividade...

Tabori: Até os 83 anos a minha idade não me interessava, eu tinha muito o que fazer. Sempre escrevi sobre a vida e a morte, mas estes são temas básicos de todo escritor. De alguns anos para cá, no entanto, percebi ser o teatrólogo mais idoso e concluí que, alguma hora, tenho de parar. Além disso, já fiz muito pelo Teatro. Só em Viena, onde vivi 30 anos, fiz 60 peças. Mas já tentei parar muitas vezes e não consigo. Talvez, no ano que vem, eu volte a escrever romances, como quando comecei. Assim, não preciso lidar com outras pessoas.

Tópicos: Está cansado de trabalhar com os outros?

Tabori: Não que eu esteja cansado disso, eu estou cansado é de mim mesmo. Já estou com quase 90 anos e não sou mais o mesmo de dez ou vinte anos atrás.

Tópicos: O sr. é uma unanimidade de público e mídia, e os jornalistas lhe pouparam das críticas a Édipo Rei. Para a maioria, a peça teria ficado melhor se o senhor tivesse intervindo mais nela.

Tabori: Peças são as coisas que mais amo na vida e não têm nada a ver com o que atualmente é dito nos países de língua alemã, de que o Teatro deve ser jovem e tem de lidar com os problemas da atualidade. Édipo é uma das melhores peças de Sófocles e uma de minhas favoritas: o



filho que quer matar o pai e casar com a mãe. A tese de Freud é tão atual quanto qualquer outra peça escrita hoje. Mas a de que eu mais gosto mesmo é Rei Lear, ainda quero fazê-la de novo. Será minha última peça. E Hamlet eu também adoro, tenho vontade de montá-la novamente. Já a fiz duas vezes e cada vez descubro algo novo.

Tópicos: O sr. não gosta da palavra alemã para diretor de teatro, Regisseur.

Tabori: Não, Regisseur tem a ver com governo – Regie, em alemão. Na época de Shakespeare não havia diretores. Não faço o tipo que acredita saber mais do que os atores. Estes sim é que são, para mim, os mais importantes. Pode-se tirar qualquer outro: iluminador, figurinista, diretor e cenógrafo. Só os atores são indispensáveis, sem eles nada acontece.

Tópicos: Como o sr. costuma trabalhar?

Tabori: Eu tenho a idéia de uma peça e checo-a o tempo todo. Quando começo a dirigir, no entanto, esqueço que a peça será minha. Quando morei nos EUA, conheci um grande diretor cuja meta era que as peças saíssem exatamente como ele as imaginava. A encenação tinha de ser sempre igual. Já para mim, o teatro nunca se repete. É uma pequena regra minha, mas tudo é questão de gosto. Durante os 70 anos em que fiz teatro, nunca vi uma peça perfeita.

Tópicos: E com relação às críticas feitas à atual versão de Édipo Rei?

Tabori: Teve um crítico que chamou a peça de depressiva. Acho ridículo alguém escrever isso sobre uma tragédia. Há 20 anos as pessoas tentam esquecer a guerra e o que aconteceu nela. Mas eu sei exatamente o que aconteceu: o meu pai morreu em Auschwitz e minha mãe escapou por pouco. Mas a nova geração quer esquecer tudo e dizer que hoje em dia é muito diferente, muito divertido. ■